

Uma revisão de literatura sobre técnicas de pesquisa utilizadas nos estudos da relação criança com os espaços abertos

A literature review of research techniques used in child's relationship studies with open spaces

<http://dx.doi.org/10.5007/2178-4582.2016v50n2p515>

Patrícia Maria Schubert Peres

Luana dos Santos Raymundo

Ariane Kuhnen

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, Brasil.

A relação da criança com os espaços abertos envolve múltiplas e complexas variáveis implicadas no desenvolvimento humano. Compreender esta relação, portanto, exige modelos metodológicos com certas particularidades. Este estudo objetivou identificar técnicas de pesquisa que abordam a relação da criança com os espaços abertos. Para isso, analisaram-se as publicações de periódicos em Psicologia Ambiental - o *Environmental Psychology* e o *Children, Youth and Environment* - dos anos de 2002 até 2012 através dos descritores: "children and outdoors". Obteve-se por resultado 18 estudos, nos quais se identificou o predomínio de técnicas tradicionais como questionário, entrevista e observação combinadas a técnicas como desenho, trajetos de caminhada e autofotografia. Discutiu-se sobre as adaptações, potencialidades e limitações das técnicas utilizadas com as crianças que usam os espaços abertos para suas atividades.

Palavras-chave: Criança; Espaços Abertos; Técnicas de pesquisa; Psicologia Ambiental.

*The child's relationship with open spaces involves several complex variables implied in the human development. Therefore, the understanding of such relationship requires methodological models with certain characteristics. This study aimed to identify research techniques that have been used in studies addressing children's relationship with open spaces. For this, we analyzed the publications of two journals referenced in *Environmental Psychology: Environmental Psychology and Children, Youth and Environment*. The review comprised publications from 2002 to 2012 using the keywords: "children and outdoors." Eighteen studies were selected and it was identified the prevalence of traditional techniques such as questionnaires, interviews and observation combined with techniques as photography, walking route and drawing. We discussed the adaptations, strengths and limitations of the techniques used with children.*

Keywords: Children; Open Space; Research techniques; Environmental Psychology.

Introdução

Os estudos direcionados à relação da criança com os espaços abertos acrescentam a esse conhecimento científico evidências de que há um forte efeito do contexto sócio-físico sobre o desenvolvimento humano (BRONFENBRENNER, 1979; 1996). Partindo da compreensão de desenvolvimento humano como um conjunto de processos por meio dos quais as propriedades do indivíduo e do ambiente interagem e produzem continuidades e mudanças nas características da pessoa e no seu curso de vida (Id., 2001), é consenso na ciência do desenvolvimento, o papel fundamental do contexto, não apenas so-

cial, mas também do ambiente físico na promoção de um crescimento integral e saudável do indivíduo.

O ambiente físico representa uma área fundamental para investigação na Psicologia Ambiental, pois é um importante aspecto da realidade que se impinge sobre os seres humanos, e que colabora na organização de suas cognições, sentimentos e ações (EVANS, 2005). Segundo Cavalcante e Nóbrega (2011), o espaço é uma noção interdisciplinar, estudada por arquitetos, planejadores urbanos, geógrafos, psicólogos, antropólogos e sociólogos, pois é precondição, base necessária para qualquer teorização relativa ao homem, ou seja, por todas aquelas que consideram que a existência humana se dá no espaço e precisa dele para o seu desenvolvimento. Portanto, o termo *espaço* pode ser empregado de múltiplas formas conforme cada disciplina o trate como categoria de estudo.

Os espaços abertos têm sido investigados pela sua importância enquanto um dos principais ambientes de brincadeira da criança. Nessa revisão, entende-se por espaços abertos, ambientes como ruas, pátios escolares, *playgrounds* e arredores de casas e escolas, entre outros. Em razão da relevância que desempenham no desenvolvimento físico, social e psicológico do ser humano, a falta de acesso a tais espaços pelas crianças trata-se não apenas de um problema social e espacial, mas também de uma questão de saúde física e psicológica. A relação da criança com os espaços urbanos, por exemplo, envolve variáveis múltiplas e complexas que podem apresentar interferência direta no uso que deles se fazem, e/ou indiretamente, como as políticas públicas de lazer que determinam a oferta e configuração desses espaços. Sendo assim, parece haver uma crescente preocupação nas Ciências Humanas de compreender a relação estabelecida entre a criança e os espaços abertos na busca por encontrar modelos teórico-metodológicos explicativos que possam subsidiar diretrizes e políticas públicas para o planejamento adequado dos ambientes urbanos (RAYMUNDO; KUHNEN, 2009; LUZ; RAYMUNDO; KUHNEN, 2010).

Para alcançar esses resultados sugere-se a importância da abordagem multimétodo como uma estratégia que abarca os processos de desenvolvimento estabelecidos nos espaços abertos. Na Psicologia Ambiental, o termo multimétodo tem sido empregado por Günther, Elali e Pinheiro (2011) como um conjunto de caminhos distintos para abarcar a relação pessoa-ambiente. Em outras palavras, para que essa relação seja compreendida, são necessários métodos, independente de serem quantitativos ou qualitativos, que abarquem tanto os comportamentos humanos e/ou estados subjetivos das pessoas, como também aspectos físicos do ambiente que são significados na relação e que suportam certos comportamentos (GÜNTHER et al., 2011).

Além de possibilitar o acesso às características físicas do ambiente, a abordagem multimetodológica com crianças torna-se primordial na ciência psicológica porque é a tentativa de abarcar a complexidade do fenômeno sob a perspectiva da infância. Os estudos realizados com esta faixa etária utilizam-se das mais variadas técnicas para tornar a participação na pesquisa atraente, bem como, mais adequada às formas com as quais os participantes melhor se expressem (BARKER; WELLER, 2003; PUNCH, 2002). As pesquisas que agregam diferentes estratégias têm, portanto, permitido compreender os espaços abertos como lugares onde as crianças satisfazem suas necessidades social, psicológica e física.

Neste sentido, busca-se identificar nos estudos publicados nos últimos anos, particularidades metodológicas, nas quais o uso de técnicas e instrumentos adequados às crianças torna possível o estudo da relação das crianças com espaços abertos. Além disso, buscar-se-á apontar limitações e benefícios no uso de algumas técnicas. Espera-se, portanto, que esta revisão possa servir como fonte de informações sobre as técnicas utilizadas em pesquisas que investigam a relação da criança com os espaços abertos e, pelas discussões levantadas, também sirva como um norteador de escolhas metodológicas de estudos futuros.

Método

Realizou-se um levantamento bibliográfico nos periódicos *Environmental Psychology* e *Children, Youth and Environment*, dos anos de 2002 até 2012, com os seguintes descritores: *Child* e Outdoors*. O periódico *Environmental Psychology* foi escolhido pelo foco em pesquisas sobre as inter-relações pessoa-ambiente. O segundo periódico, *Children, Youth and Environments*, foi selecionado pela especialidade de publicar pesquisas sobre o uso do ambiente físico por crianças e jovens de diferentes culturas.

Para o refinamento da busca, optou-se por incluir apenas estudos empíricos de investigação do comportamento infantil (de 2 a 13 anos) em espaços abertos e que estavam disponibilizados, no momento da busca, na versão textos completos no *site* dos periódicos, através do Portal Capes (Biblioteca Virtual da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, que disponibiliza a instituições de ensino e pesquisa no Brasil um acervo da produção científica internacional). Foram selecionados 18 artigos científicos, sendo 10 publicados no *Environmental Psychology* e 8 estudos no *Children, Youth, and Environment*. A análise desses artigos, portanto, concentrou-se nos métodos das pesquisas, nos quais se buscou identificar os tipos de espaços abertos investigados e as técnicas de pesquisa utiliza-

das com crianças para avaliar a relação estabelecidas por elas com esses ambientes.

Resultados e discussão

A maioria das pesquisas encontradas objetivou investigar a relação da criança com espaços abertos urbanizados de microambientes, como escolas (ANGAARD, 2010; FJORTOFT, 2004; FJORTOFT; KRISTOFFERSEN; SAGEIE, 2009; KASALI; DOGAN, 2010; KERNAN, 2010; MALONE; TRANTER, 2003; OZDEMIR; YILMAZ, 2008; SAMBORSKI, 2010;); *playgrounds* (JANSSON, 2008); bairros (MIN; LEE, 2006, CASTONGUAY; JUTRAS, 2009; CASTONGUAY; JUTRAS, 2010; LIM; BARTON, 2010; LOEBACK; GILLILAND, 2010; WANG et al., 2012); residências (TAYLOR; KUO; SULLIVAN, 2002); e, de macro-ambientes, como cidades grandes e pequenas, vilas e áreas rurais (KYTTA, 2002, 2004).

Nos estudos de avaliação de uso e preferência, o questionário é uma das técnicas mais tradicionais de levantamento de dados, pois pode sofrer adaptações de modo a torná-lo mais simples de ser respondido pelas crianças. Questionários com perguntas fechadas que apresentem itens dicotômicos e em formato de escalas, numa linguagem adaptada às crianças, são comumente utilizados pelos pesquisadores para avaliar preferência. No estudo de Samborski (2010), que inclui crianças em fase inicial de alfabetização (de 6, prolongando-se até 13 anos de idade), o pesquisador utilizou-se dos desenhos dos lugares das próprias crianças, combinadas à linguagem escrita, para construção dos itens que atribuíam níveis de importância, como “muito importante”, “um pouco importante” e “muito importante” para elementos no pátio escolar. No estudo de Wang et al. (2012), por exemplo, crianças de 10 a 12 anos indicaram “lugares que menos gostam”, “lugares que frequentam”, “lugares que mais gostam” e que “mais querem visitar” para lugares pré-identificados pelos pesquisadores. No estudo de Kasali e Dogan (2010), crianças de 10 a 12 anos responderam a itens dicotômicos (sim ou não) sobre uso e avaliação da qualidade ambiental de espaços internos e externos da escola. É possível, portanto, verificar nas pesquisas com crianças que os pesquisadores levam em consideração as características dos seus sujeitos.

Por envolverem leitura e escrita, a construção dos questionários, como instrumento de pesquisa, devem receber uma atenção especial. Para a elaboração de um questionário, Günther et al. (2011, p. 109-110) colocam que o pesquisador deve levar em consideração que “existe relação recíproca entre as características da população-alvo e a complexidade dos conceitos a serem investigados”. Sendo assim, mesmo que a complexidade do construto

determine o número de itens e o formato do questionário, o pesquisador deve manter em mente as características dos respondentes. No caso de crianças que apresentam uma capacidade de escrita e leitura limitada, os questionários devem ter estrutura e linguagem simples, como nas pesquisas analisadas. Essa é uma tendência para as pesquisas participativas com crianças, nas quais instrumentos de pesquisas com questionários sejam adaptados às suas necessidades e habilidades (FARGAS-MALET; MCSHERRY; LARKIN; ROBINSON, 2010). Embora o questionário possa limitar-se ao nível de alfabetização, ele tem a vantagem de alcançar uma amostra grande de crianças em pouco tempo e de deixá-las mais à vontade nas respostas pela ausência de um entrevistador (FARGAS-MALET et al., 2010).

A entrevista, enquanto mais uma técnica tradicional destinada a levantamento de dados, também tem sido aprimorada, combinando-se com trajetos de caminhada comumente denominadas na literatura como *walk-through route* e *walk along*. Além de essa combinação possibilitar o acesso dos pesquisadores às crianças em espaços abertos, ela permite que os sujeitos se sintam mais estimulados a responderem as perguntas no contexto que eles estão diretamente atuando. Na *walk-through route*, o pesquisador entrevista somente os sujeitos que estão presentes nos limites de uma trajetória fixa a ser percorrida por ele. Min e Lee (2006) perguntaram às crianças sobre os lugares mais importantes para elas, e por que eram importantes à medida que as encontravam na *walk-through route*. No estudo de Wang et al. (2012) crianças foram entrevistadas no caminho da escola para o bairro onde moravam sobre os lugares preferidos e que mais e menos gostavam de frequentar. Loeback e Gilliland (2006), Lim e Barton (2010), Samborski (2010) utilizaram formatos de trajetos de caminhadas similares denominadas *walk along*, *walk about interviews* e *guided walks*. Estes se diferenciam da *walk-through route* quanto à condição do pesquisador que, ao invés de traçar uma trajetória para entrevistar as crianças encontradas no caminho, acompanha a criança aos lugares escolhidos por ela. O trajeto de caminhada combinado a entrevistas é comum em pesquisas etnográficas que buscam adaptar-se ao contexto social e físico da criança, além de explorar de uma maneira dinâmica e descontraída as suas experiências nesses lugares (ANGAARD, 2010; LIM; BARTON, 2010; WANG et al., 2012).

Referindo-se aos contextos dos estudos onde ocorreram as observações, entrevistas e administração de questionários, Punch (2002) e Clark (2005) apontam que o pesquisador deve estar atento à influência do ambiente na resposta das crianças, que tanto pode beneficiar quanto comprometer a coleta de dados. Embora acessar a criança em seus ambientes naturais permita que o pesquisador obtenha respostas mais fidedignas da realidade, o contexto no

qual uma criança será observada ou entrevistada pode influenciar o comportamento ou as respostas dadas por ela (CLARK, 2005; PUNCH, 2002). Por exemplo, ambientes como a escola, onde a autoridade do adulto se faz presente, pode induzir as crianças a responderem ou se comportarem de uma maneira que agrade os pesquisadores. Mesmo que a maioria das pesquisas tenha ocorrido em escolas, em seis delas as crianças foram acessadas em espaços abertos, como os pátios escolares e arredores, que são ambientes informais e que proporcionam mais descontração. No entanto, Punch (2002) destaca que os pesquisadores não devem assumir que as crianças preferem serem acessadas nos seus ambientes naturais, pois podem se sentir invadidas nos seus espaços de brincadeiras e de socialização.

Outro exemplo de combinações de técnicas é a entrevista com a autofotografia. A autofotografia caracteriza-se por um procedimento executado pela criança, que elege o registro fotográfico dos lugares importantes ou significativos (LIM; BARTON, 2010; LOEBACH; GILLILAND, 2010). Segundo Higuchi e Kuhnen (2008, p. 196), a fotografia é “o registro impresso da realidade percebida, expressa algo do autor em relação com o objeto fotografado”. As crianças acessadas nos estudos dessa revisão representaram na fotografia suas percepções, sentimentos e emoções em relação aos espaços que utilizavam. Por exemplo, nos estudos de Castonguay e Jutras (2010), e Lim e Barton (2010), crianças foram convidadas a fotografarem lugares que mais gostavam, e as fotos geradas serviram como elementos instigadores para entrevistas. Essa forma de uso das fotos permite que o pesquisador explore as impressões do autor resguardadas nas imagens (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002). Loebach e Gilliland (2010) adotaram um método similar, pedindo às crianças que fotografassem características que “mais gostavam” e “menos gostavam” dos lugares.

Vantagens e desvantagens no uso da fotografia com crianças têm sido discutidas na literatura (DARBYSHIRE; MACDOUGAL; SCHILLER, 2005; FARGAS-MALET et al., 2010; PUNCH, 2002). Uma das vantagens é que a autofotografia é uma forma dinâmica e divertida da criança se envolver na pesquisa (FARGAS-MALET et al., 2010). Além disso, autofotografia é particularmente vantajosa com crianças devido ao direcionamento que ela proporciona ao lugar a ser fotografado. Quando as fotos são utilizadas como material instigador em uma entrevista, elas passam a constituir um material facilitador de comunicação entre o entrevistado e o entrevistador, auxiliando este último na condução mais focada da entrevista, e prendendo por mais tempo a atenção da criança (FARGAS-MALET et al., 2010). Algumas desvantagens do uso da fotografia com crianças referem-se a que o participante pode fazer registros que não correspondem aos objetivos do pesquisador, que se arrependa das fotos tiradas após terem sido mostradas a ele, ou ainda se sentir acanhado para

falar sobre elas ou incapacitado para lidar com a máquina fotográfica (FARGAS-MALET et al., 2010).

Como a fotografia, o desenho constitui uma técnica que permite ao pesquisador acessar espaços e/ou seus elementos significativos para a criança. Malone e Tranter (2003) e Samborski (2010) utilizaram desenhos como estratégia metodológica para acessarem mapas cognitivos de pátios escolares. Os primeiros utilizaram o desenho para conhecer a representação que crianças fazem do pátio escolar como está e como gostariam que fosse, e o segundo, como uma maneira de identificar as formas de uso dos elementos físicos do pátio escolar. Em ambos os estudos, as crianças foram motivadas a desenhar a partir das instruções do pesquisador que pedia a elas que imaginassem como utilizavam o pátio escolar todos os dias (SAMBORSKI, 2010), ou que desenhassem o pátio escolar e destacassem aqueles lugares que possuíam maior importância (MALONE; TRANTER, 2003).

Há vantagens e desvantagens no uso do desenho com crianças apontadas e discutidas pelos autores Punch (2002), Barker & Weller (2003) e Bomfim (2008). Igualmente à fotografia, o desenho é uma forma participativa de engajar a criança na pesquisa, de fazê-la sentir-se no controle e mais à vontade para se expressar (BARKER; WELLER, 2003; PUNCH, 2002). O desenho permite ao pesquisador acessar as emoções e os sentimentos atrelados aos elementos representados no desenho (BOMFIM, 2008). Autores destacam ainda que a compreensão das dimensões emocionais da criança pode se dar pelas conversas ou escritas narrativas delas próprias, evitando, assim, uma interpretação externa do pesquisador (BARKER; WELLER, 2003; BOMFIM, 2008). No estudo de Lim e Barton (2010), por exemplo, crianças foram entrevistadas sobre os mapas que produziram do bairro onde viviam. As desvantagens desse método são que nem todas as crianças - principalmente aquelas de mais idade - gostam de desenhar; algumas podem se sentir acanhadas se acreditam que não têm habilidade para a tarefa, ou ainda, se estiverem desenhando em grupo na escola, podem ser influenciadas pelos desenhos dos colegas ou por imagens de materiais didáticos (PUNCH, 2002; BARKER; WELLER, 2003).

A observação, como outra técnica clássica da Psicologia, se destaca nos estudos da pessoa-ambiente. A observação revela comportamentos sobre os quais o indivíduo não tem consciência (PINHEIRO; GÜNTHER, 2008) e, que por isso, não seriam descritos em uma entrevista. Os tipos de observação identificados nos artigos são mapeamento comportamental e observações informais. A primeira realizada de forma sistemática, em dias e horários determinados, produz dados mais qualitativos sobre os lugares mais utilizados pelas crianças. Dependendo dos objetivos da pesquisa, as observações permitem ao pesquisador descrever e comparar comportamen-

tos em lugares diferentes (CASTONGUAY; JUTRAS, 2009; FJORTOFT, 2004; MALONE; TRANTER, 2003; MIN; LEE, 2006; WANG et al., 2012); confirmar relatos de comportamento (OZDEMIR; YILMAZ, 2008); ou avaliar qualidades ambientais (KASALI; DOGAN, 2010). Dependendo do contexto da pesquisa, esse tipo de observação apresenta variações na forma de realizá-la. Por exemplo, Castonguay e Jutras (2009) estabeleceram um trajeto de observação por uma vizinhança no qual produziam registros das atividades das crianças em diferentes lugares. Outras formas de observação são encontradas nos estudos de caráter etnográfico (ANGAARD, 2010; SAMBORSKI, 2010), e não sistemático (OZDEMIR; YILMAZ, 2008). De acordo com Fargas-Malet et al. (2010), uma vantagem da observação é que ela é apropriada para ser utilizada com crianças pequenas quando a presença do adulto pode passar despercebida. Além disso, a observação substitui a entrevista ou questionário, que estão limitados à capacidade de expressão da criança pela linguagem. Por outro lado, a observação em condições naturalísticas, principalmente em lugares abertos, fica restrita ao tempo de dedicação do pesquisador para sua realização, às condições climáticas e ao fluxo de pessoas.

Pesquisas que objetivaram correlacionar o uso de espaços abertos com aspectos fisiológicos e psicológicos da criança utilizaram-se de técnicas específicas para a coleta de dados. Um exemplo é o estudo quase-experimental de Fjortoft et al. (2009), no qual comparam o movimento e atividade física de crianças em dois pátios escolares. Os dados do movimento e atividade física foram obtidos instalando GPS (*Geographical Positioning System*) e um cinto com medidor dos batimentos cardíacos nos corpos das crianças. Em um estudo anterior, Fjortoft (2004) utilizou dois testes para verificar habilidade física e motora (*Test of Physical Fitness* e *Motor Fitness Test*) em crianças de duas escolas. Outra pesquisa é descrita por Taylor et al. (2002) com a utilização de testes psicológicos para relacionarem autodisciplina com exposição a uma vista residencial verde. Para isso, crianças de 7 a 12 anos, que viviam em uma área residencial com diferentes níveis de áreas verdes, foram submetidas a testes de concentração, inibição de impulsos e atraso de gratificação. Estes estudos, que se utilizam de um método experimental em condições naturalísticas, trazem importantes contribuições sobre os impactos biopsicológicos que os espaços verdes urbanos podem ter sobre o desenvolvimento das crianças. A principal dificuldade do método experimental, ou quase-experimental, é o controle de variáveis que, em meio naturalístico, torna-se um desafio.

Até o momento foram descritas combinações de técnicas que por vezes refletem a natureza dos métodos utilizados e adaptações que as tornam mais

atraentes e apropriadas às crianças, bem como, apontou-se vantagens e desvantagens no uso de certas técnicas. Além disso, identificou-se, nessa revisão, que as pesquisas investigaram a relação de crianças em espaços abertos variados como pátios escolares, bairros, *playgrounds*, residência e espaços exclusivamente verdes.

Concluiu-se que, mesmo que a escolha de uma estratégia de investigação seja determinada pelo tipo de informação gerada e desejada pelo pesquisador, pesquisas desenvolvidas com crianças exigem adequações às particularidades da pessoa e do ambiente físico pesquisado. Por exemplo, o uso de desenhos e fotografia, combinadas a entrevistas e questionários compõem estratégias de investigação mais acessíveis e atraentes às crianças. Lim e Barton (2010, p. 331) justificaram o uso da autofotografia como uma forma atraente e espontânea de engajar a criança na pesquisa: “*The photographs served as a viable source of data as well as an engaging tool for children*”¹. Além disso, a combinação e adaptação de certas estratégias de investigação viabilizam a produção de pesquisas com crianças. Uma razão seria a própria condição de desenvolvimento da criança, que pode limitar o uso de certos instrumentos de avaliação como o questionário. Outra razão seria o acesso aos espaços abertos que as crianças utilizam pelo uso de trajetos de caminhadas como *walk-through* ou *guided walking*.

As pesquisas revisadas neste estudo refletem formas de agregar estratégias de avaliação tratando-se de uma característica da própria Psicologia Ambiental. Por exemplo, entrevistas, desenhos e autofotografia possibilitaram os pesquisadores explorarem fatores psicológicos como percepções, por exemplo, que significaram elementos físicos ou paisagens; ou, ainda, identificar elementos físicos do ambiente que elas usam e têm preferência. A vantagem de combinar caminhos de acessar o objeto de estudo está na redução ou neutralização dos vieses inerentes à utilização de uma única estratégia de pesquisa (CRESWELL, 2007; GÜNTHER et al., 2011).

Referências

ANGGARD, Eva. Making Use of “Nature” in an Outdoor Preschool: classroom, home and fairyland. *Children, Youth and Environments*, v. 20, n. 1, p. 4-25, 2010. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/10.7721/chilyoutenvi.20.1.0004>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

BARKER, John; WELLER, Susie. “Is it fun?” developing children centered research methods. *International Journal of Sociology and Social Policy*, v. 23, n.1, p. 33-58, 2003. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1108/01443330310790435>> Acesso em: 15 nov.2013.

1 “As fotografias serviram como uma fonte viável de dados bem como um instrumento atraente às crianças” (LIM; BARTON, 2010, p. 33, tradução nossa).

PERES, Patrícia M. S., RAYMUNDO, Luana S., KUHNEN, Ariane. Uma revisão de literatura sobre...

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. Afetividade e ambiente urbano: Uma proposta metodológica de mapas afetivos. In: PINHEIRO, José de Queiroz; GÜNTHER, Hartmut. (Org.). *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008, p. 253-280.

BRONFENBRENNER, Urie. *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1979/1996. 267p.

_____. Bioecological Theory of Human Development. In: SMELSER, Neil J.; BALTES, Paul. B. (Ed.) *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*. New York: Elsevier, v. 10, p. 6963-6970, 2001.

CALVANCANTE, Sylvia; NÓBREGA, Lana Mara Andrade. Espaço e lugar. In: CAVALCANTE, Sylvia.; ELALI, Gleice Azambuja (Org.). *Temas básicos em Psicologia Ambiental*. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 182-190.

CASTONGUAY, Geneviève; JUTRAS, Sylvie. Children's appreciation of outdoor places in a poor neighborhood. *Journal of Environmental Psychology*, v. 29, p. 101-109, 2009. Disponível em: <[doi:10.1016/j.jenvp.2008.05.002](https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2008.05.002)>. Acesso em: 24 abr. 2012.

_____. Children's use of the outdoor environment in a low-income Montreal neighborhood. *Children, Youth and Environments*, v. 20, n. 1, p. 200-230, 2010. Disponível em:< http://www.colorado.edu/journals/cye/20_1/20_1_08_Montreal.pdf>. Acesso em: 24 abr.2012.

CLARK, Alison. Listening to and involving young children: a review of research and practice. *Early Childhood Development and Care*, v. 175, n. 6, p. 589-505, 2005. Disponível em: <[doi:10.1080/03004430500131288](https://doi.org/10.1080/03004430500131288)>. Acesso em: 15 ago. 2013.

CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed, 2007. 296p.

DARBYSHIRE, Philip, MACDOUGAL, Colin; SCHILLER, Wendy. Multiple methods in qualitative research with children: more insight or just more? *Qualitative Research*, v. 5, n. 4, p. 417-436, 2005. Disponível em: <[doi:10.1177/1468794105056921](https://doi.org/10.1177/1468794105056921)> Acesso em: 15 ago. 2013.

EVANS, Gary. A importância do ambiente físico. *Psicologia USP*, v. 16, n. 1/2, p. 47-52, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psup/v16n1-2/24643.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2011.

FARGAS-MALET, Montserrat; MCSHERRY, Dominic; LARKIN, Emma; ROBINSON, Clive. Research with children: methodological issues and innovative techniques. *Journal of Early Childhood Research*, v. 8, n. 2, p. 175-192, 2010. Disponível em: <[doi:10.1177/1476718X09345412](https://doi.org/10.1177/1476718X09345412)> Acesso em: 15 ago. 2013.

FJORTOFT, Ingunn. Landscape as playscape: The effects of natural environments on children's play and motor development. *Children, Youth and Environments*, v. 14, n. 2, p. 21-44, 2004. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/10.7721/chilyoutenvi.14.2.0021>>. Acesso em: 22 ma. 2012.

FJORTOFT, Ingunn; KRISTOFFERSEN, Bjorn; SAGEIE, Jostein. Children in schoolyards: Tracking movement patterns and physical activity in schoolyards using global positioning system and heart rate monitoring. *Journal of Environmental Psychology*, v. 93, p. 201-217, 2009. Disponível em: < [doi:10.1016/j.landurbplan.2009.07.008](https://doi.org/10.1016/j.landurbplan.2009.07.008)>. Acesso em: 24 abr.2012.

GÜNTHER, Hartmut; ELALI, Gleice Azambuja; PINHEIRO, José Queiroz. Multimétodos. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice Azambuja (Org.). *Temas básicos em Psicologia Ambiental*. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 239-249.

HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; KUHNEN. A Percepção e representação ambiental: Métodos e técnicas de investigação para a Educação Ambiental. In: PINHEIRO, José Queiroz; GÜNTHER, Hartmut (Org.). *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008, p.181-215.

JANSSON, Marit. Children's perspectives on public playgrounds in two Swedish communities. *Children, Youth and Environments*, v. 18, n. 2, p. 88-109, 2008. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/10.7721/chilyoutenvi.18.2.0088>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

KASALI, Altug; DOGAN, Fehmi. Fifth-, sixth-, and seventh-grade students' use of non-classroom spaces during recess: The case of three private schools in Izmir, Turkey. *Journal of Environmental Psychology*, v. 30, n. 4, p. 518-532, 2010. Disponível em: <[doi:10.1016/j.jenvp.2010.03.008](https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2010.03.008)>. Acesso em: 24 abr. 2012.

KERNAN, Margaret. Outdoor affordances in early childhood education and care settings: Adult's and children's perspectives. *Children, Youth and Environments*, v. 20, n. 1, p. 152-177, 2010. Disponível em: <<http://www.colorado.edu/journals/cye/>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

KÿTTA, Marketta. Affordances of children's environments in the context of cities, small towns, suburbs and rural villages in Finland and Belarus. *Journal of Environmental Psychology*, v. 22, p. 109-123, 2002. Disponível em: <[doi:10.1006/jevp.2001.0249](https://doi.org/10.1006/jevp.2001.0249)>. Acesso em: 24 abr. 2012.

_____. The extent of children's independent mobility and the number of actualized affordances as criteria for child-friendly environments. *Journal of Environmental Psychology*, v. 24, p. 179-198, 2004. Disponível em: <[doi:10.1016/S0272-4944\(03\)00073-2](https://doi.org/10.1016/S0272-4944(03)00073-2)>. Acesso em: 24 abr. 2012.

LIM, Miyoung; BARTON, Angela Calabrese. Exploring insideness in urban children's sense of place. *Journal of Environmental Psychology*, v. 30, p. 328-337, 2010. Disponível em: <[doi:10.1016/j.jenvp.2010.03.002](https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2010.03.002)>. Acesso em: 24 abr. 2012.

LOEBACH, Janet; GILLILAND, Jason. Child-Led tours to uncover children's perceptions and use of neighborhood environments. *Children, Youth and Environments*, v. 20, n.1, p. 52-90, 2010. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/10.7721/chilyoutenvi.20.1.0052>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

LUZ, Giordana Machado da; RAYMUNDO, Luana dos Santos; KUHNEN, Ariane. Uso dos espaços urbanos pelas crianças: uma revisão. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 12, n.3, p. 172-184, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872010000300014>. Acesso em: 15 abr. 2011.

MALONE, Karen; TRANTER, Paul. Children's environmental learning and the use, design and management of schoolgrounds. *Children, Youth and Environments*, v. 13, n.2, p. 87-137, 2003. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/10.7721/chilyoutenvi.13.2.0087>>. Acesso em: 22 mar.2012.

MIN, Byungho; LEE, Jongmin. Children's neighborhood place as psychological and behavior domain. *Journal of Environmental Psychology*, v. 26, p. 51-71, 2006. Disponível em: <[doi:10.1016/j.jenvp.2006.04.003](https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2006.04.003)>. Acesso em: 24 abr. 2012.

PERES, Patrícia M. S., RAYMUNDO, Luana S., KUHNEN, Ariane. Uma revisão de literatura sobre...

NEIVA-SILVA, Lucas; KOLLER, Sílvia Helena. O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. *Estudos de Psicologia*, v. 7, n. 2, p. 237-250, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n2/a05v07n2.pdf>>. Acesso em: 20 agosto 2013.

OZDEMIR, Aydin; YILMAZ, Oguz. Assessment of outdoor school environments and physical activity in Ankara's primary schools. *Journal of Environmental Psychology*, v. 28, n.3, p. 287-100, 2008. Disponível em: <[doi:10.1016/j.jenvp.2008.02.004](https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2008.02.004)>. Acesso em: 24 abr. 2012.

PINHEIRO, José de Queiroz; GÜNTHER, Hartmut. Diário pessoal como técnica de coleta de dados em estudos sobre as relações pessoa-ambiente. In: PINHEIRO, José de Queiroz; GÜNTHER, Hartmut (Org.). *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008, p. 281-311.

PUNCH, Samantha. Research with children: The same or different from research with adults? *Childhood*, v. 9, n. 3, p. 321-341, 2002. Disponível em: <[doi:10.1177/0907568202009003005](https://doi.org/10.1177/0907568202009003005)>. Acesso em: 15 ago. 2013.

RAYMUNDO, Luana dos Santos; KUHNEN, Ariane. Ambiente e desenvolvimento psicológico: a importância dos espaços físicos abertos nas escolas infantis. In: KUHNEN, Ariane; CRUZ, Roberto Moraes; TAKASE Emílio. *Interações pessoa-ambiente e saúde*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009, p.137-166.

SAMBORSKI, Sylvia. Biodiverse or barren school grounds: their effects on children. *Children, Youth and Environments*, v. 20, n. 2, p. 67-115, 2010. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/10.7721/chilyoutenvi.20.2.0067>>. Acesso em: 22 mar. 2012.

TAYLOR, Andrea Faber; KUO, Frances E. ; SULLIVAN, Willian C. Views of nature and self-discipline: evidence from inner city children. *Journal of Environmental Psychology*, v. 22, 2002. Disponível em: <[doi:10.1006/jevp.2001.0241](https://doi.org/10.1006/jevp.2001.0241)>. Acesso em: 24 abr. 2012.

WANG, Fang; LIU, Jing; PAN, Bing; ZHAO, Luyin; ZHANG, Min. Stuck between the historic and modern China: A case study of children's space in a hutong community. *Journal of Environmental Psychology*, v. 32, n. 1, p. 59-68, 2012. Disponível em: <[doi:10.1016/j.jenvp.2011.10.001](https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2011.10.001)>. Acesso em: 24 abril 2012.

Submissão em: 15/12/2014

Revisão em: 20/01/2015

Accepte em:08/02/2015

Patricia Maria Schubert Peres é bióloga, Mestre em Psicologia e, atualmente, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Possui experiência em educação não formal, atuando como consultora e educadora. Endereço para correspondência: UFSC - Campus Universitário, Centro de Filosofia e Ciência Humanas, Departamento de Psicologia. Laboratório de Psicologia Ambiental, sala 11B. Trindade, Florianópolis, SC. CEP: 88040970.

E-mail: pmschu@hotmail.com

Luana dos Santos Raymundo é doutora em Psicologia e possui formação em Licenciatura em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Tem experiência na área de Psicologia Hospitalar, com ênfase em Psicologia Pediátrica e do Desenvolvimento Infantil.

E-mail: lua_sr@yahoo.com.br

Ariane Kuhnen é psicóloga, mestre em Sociologia Política, Doutora em Ciências Humanas, Professora do Departamento de Psicologia na Universidade Federal de Santa Catarina, onde também coordena o Laboratório de Psicologia Ambiental.

E-mail: ariane@cfh.ufsc.br